

A ESPACIALIDADE DA CASA EM *APARIÇÃO* DE VERGÍLIO FERREIRA

Oziris BORGES FILHO

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Sidney BARBOSA

UNESP-Araraquara

RESUMO: Neste trabalho, analisa-se a importância do espaço da casa na construção do romance *Aparição* do escritor português Vergílio Ferreira. Inicialmente neo-realista, esse autor, ao publicar o romance *Aparição* em 1959 inicia uma outra fase de sua produção enquanto escritor de ficção. A essa nova fase a crítica tem chamado de existencialista. Neste, demonstra-se de que maneira o espaço homologa as ações e pensamentos das personagens. Para tanto, utilizamo-nos da metodologia por nós chamada de Topoanálise. Dentro dessa metodologia de análise literária, pretende-se demonstrar a importância do espaço na construção da trama bem como desvelar as estratégias utilizadas pelo narrador na construção do mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço; cenário; natureza; ambiente; topoanálise.

ABSTRACT: *In this work, the importance of the house's space is analyzed in the novel *Aparição* by Vergílio Ferreira. It is demonstrated that the space ratifies the actions and the characters' thoughts. In order to do so, a methodology called Topoanalysis is used. In this literary analysis methodology, the importance of space in the construction of the plot is shown. It also helps to unveil the strategies the author used to construct this space.*

KEY-WORDS: Space; scenery; nature; atmosphere; topoanalysis.

A casa inteira é mais do que um lugar para se viver, é um vivente. A casa redobra, sobredetermina a personalidade daquele que a habita. (DURAND, 1997, p.244)

Antes de mais nada, cumpre tecer algumas palavras a respeito do título deste trabalho. É uma referência ao interessante livro publicado pela Editora da UFMG *Escrever a casa portuguesa* (SILVEIRA, 1999). Trata-se de uma reunião de artigos, analisando o espaço da casa que aparece em vários livros portugueses. Há inclusive um artigo¹ a respeito do romance *Para sempre* de Vergílio Ferreira, autor que será o foco deste nosso trabalho. Neste trabalho, faremos um estudo do espaço da casa no romance *Aparição* de Vergílio. Esse romance pertence ao chamado ciclo existencial do autor, que se constitui de três romances, a saber: *Aparição*, *Alegria breve* e *Estrela polar*. Sobre esse ciclo existencial, Aniceta Mendonça (1978, p.12) diz o seguinte:

Quando Vergílio Ferreira inicia a publicação do ciclo existencial, e ao falarmos neste trabalho do ciclo existencial queremos referir-nos estritamente à trilogia *Aparição/Estrela polar/Alegria breve*, a ficção neo-realista exauria os pressupostos ideológicos de sua primeira fase, ou seja, a da contestação onde literatura e ideologia se confundiam, com prejuízo para a primeira e inutilidade para a segunda.

Por isso, o foco deste estudo será, além do espaço da casa, os temas existencialistas a ela vinculados.

Começamos, fazendo uma pequena diferenciação terminológica. No estudo sobre a espacialidade da obra literária, o espaço, termo geral, significando as três coordenadas espaciais, comprimento, largura e altura, mais os objetos presentes nessas coordenadas, assume três formas literárias: cenário, natureza, ambiente.

¹ Na casa, entre montanhas, a voz genesíaca de *Para sempre*. (RUAS, p.327-347)

Por cenário, entende-se o espaço construído pelo homem. O espaço da natureza é aquele não construído pelo homem. Dessa forma, nessa primeira divisão do espaço, temos respectivamente oposição entre cultura e natura. Finalmente, há o conceito de ambiente. O ambiente é o cenário ou a natureza mais um clima psicológico, formando um espaço em que o "tom emocional"² é evidente: amor, ódio, solidão, etc. Note-se que uma das principais características do ambiente é a *intencionalidade* do narrador de criar esse tom emocional. Em outras palavras, percebe-se a homologação entre ação da personagem, seu estado afetivo e o espaço. É essa terminologia básica que estaremos usando neste artigo.

2. AS MORADAS DE ALBERTO

A casa em que nasci me habita
Fabrizio Carpinejar

Com a imagem da casa, temos um verdadeiro princípio de integração psicológica.(...) Analisada nos horizontes teóricos mais diversos, parece que a imagem da casa se torna a topografia do nosso ser íntimo. (BACHELARD, 1989, p.19)

O espaço da casa é o espaço primordial da intimidade como muito bem assinalou Bachelard em suas obras. Em *Aparição* apresentam-se inúmeros temas ligados a casa. Em primeiro lugar, uma casa que se destaca é a casa do pai de Alberto, portanto o espaço da infância do narrador Alberto. Logo no início do romance, o narrador nos apresenta a casa paterna de forma a situá-la geograficamente em relação aos arredores. Vejamos tal passagem para

² Expressão muito interessante que encontramos em Tomachevski no seu texto *Temática*. In Teoria da literatura - formalistas russos. Porto Alegre: Globo, 1978.

percebermos também os temas existencialistas já evidenciados desde esse momento em *Aparição*.

- Eu sei. O Álvaro, o seu pai disse-me. Mas a casa, a casa. Extraordinária. Muito antiga, não é?

Velha casa. E eu sendo, aparecendo, criando-me através de ti e de mim. Muito antiga? Havia uma data que eu descobrira no sobrado: 1761 ou 1767. Algum velho “mineiro” a trouxera do Brasil. Um vasto jardim em frente, com um grande alpendre ao lado, um pinhal descendo do lado oposto até a ribeira, e adiante a montanha. (p.29)

É de impressionar que, desde o início, o narrador nos apresente uma casa tão rica em detalhes para uma topoanálise.³ De início já observamos o tema do tempo indiciado pela antiguidade da casa. Como se sabe, a passagem do tempo é um dos temas de *Aparição* e também do existencialismo. É nesse sentido que os verbos utilizados pelo narrador homo e intradieético são extremamente pertinentes: “E eu sendo, aparecendo, criando-me...” Não só a passagem do tempo está aí claramente indiciada, mas também o fato da existência do ser. Para os existencialistas, a existência precede a essência, ou seja, é no estar sendo que se é, que se cria, que se existe. E o fato de os verbos estarem no gerúndio acrescenta ainda uma noção de continuidade muito interessante. O ato de ser não é estático, mas contínuo. É óbvio que aqui temos uma imbricação do tempo com o espaço. Temos a casa retratada de forma inextricável com o tempo, e é nesse espaço-tempo que se é. Nesse trecho, temos um exemplo muito explícito daquilo que Bakhtin (1998) chamou de cronotopo.

Outro ponto que nos chama atenção é o posicionamento geográfico da casa paterna. Sobre sua construção, diz-nos o

³ Retiramos esse termo de Bachelard, no entanto, empregamo-lo em sentido diferente ao do teórico francês. Para nós, topoanálise é a análise do espaço, de todos os espaços, não só a análise dos espaços íntimos como pretende aquele teórico.

protagonista que se trata de um sobrado, conseqüentemente temos uma casa estruturada no eixo vertical, evidenciando a dialética alto versus baixo. Sobre essa dialética, confira-se o que diz Bachelard:

A verticalidade é proporcionada pela polaridade do porão e do sótão.

Com efeito, quase sem comentário, pode-se opor a racionalidade do teto à irracionalidade do porão. (BACHELARD, 1989, p.36)

O fato de a casa paterna ser um sobrado é extremamente coerente com toda a narrativa, pois desde cedo temos Alberto se questionando a respeito do ser, de sua origem e finalidade na vida. Além disso, o quarto de Alberto se localiza justamente na parte superior da casa. Então, a partir desses índices todos, podemos afirmar que o protagonista simbolizaria o pólo do alto.

Em contrapartida, aparece a figura de Álvaro, seu pai, que é médico, uma área marcadamente materialista, uma profissão em que prevalece a anatomia, que evidencia o pólo do baixo, da matéria. Dessa maneira, percebe-se que a dialética entre alto e baixo é figurativizada na oposição das personagens Alberto e Álvaro, e esse confronto tem o espaço do sobrado como o mais apto a espelhá-lo.

Mas essa casa de Alberto, tão rica, oferece ainda mais efeitos de sentido ao topoanalista. Chama-nos igualmente a atenção o fato de a casa ter vindo do Brasil, como diz o narrador: “Algum velho ‘mineiro’ a trouxera do Brasil”. O que quererá realmente dizer esta oração? Parece-nos que se trata de uma característica muito particular da casa, isto é, suas partes (qual delas? Todas?) vieram do Brasil. Com isso concebe-se um traço muito interessante que é o fato de a casa ser estrangeira, ela ocupa um lugar que não é o seu de origem, há uma intromissão de um espaço no outro, tem-se uma subversão espacial. E será essa característica casual? Acreditamos que não. É nessa casa que Alberto termina seus dias. Ele a herdou dos pais. Mas Alberto representa aquela personagem que nunca está satisfeita

consigo mesma, que nunca se encontra totalmente consigo mesma. Enfim, é a personagem para quem os versos de Fernando Pessoa se encaixam perfeitamente: “estrangeiro aqui como em qualquer lugar.” Nesse sentido, nesse estrangeirismo existencial, Alberto e a casa se aproximam, ambos não pertencem ao mesmo *tópos*. Que melhor cenário para um estrangeiro de si mesmo viver que uma casa estrangeira? A uma casa deslocada corresponde uma personagem também deslocada. Esse sentido de não pertencimento da personagem é assim homologado pelo cenário da casa, propiciando uma sinergia perfeita entre personagem e espaço, conferindo, outrossim, uma coesão bastante acentuada à narrativa.

O período final do excerto acima citado é, como os períodos anteriores, bastante significativo. Vamos dividi-lo em duas partes para a nossa análise. Numa primeira parte, diz o narrador que a casa possui “um vasto jardim em frente, com um grande alpendre ao lado...”

Começemos a topoanálise desse excerto, salientando o valor simbólico da figura do jardim. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1999, p. 513), o jardim possui uma simbologia muito rica. Das doudas palavras dos dois estudiosos franceses, destacamos o seguinte trecho:

Em nível mais elevado, o jardim é um símbolo de cultura por oposição à natureza selvagem, de reflexão por oposição à espontaneidade, da ordem por oposição à desordem, da consciência por oposição ao inconsciente.

Como se vê, mais uma vez, a casa espelha a personalidade do protagonista Alberto. Como diz Durand (1997), “A casa redobra, sobredetermina a personalidade daquele que a habita”. Assim, as idéias de cultura, reflexão, ordem e consciência não definem apenas a simbologia do jardim, mas o próprio Alberto. Com efeito, durante toda a narrativa essa personagem está sempre refletindo sobre si, os outros e as coisas do mundo. Em toda sua trajetória exposta pelo enredo, não se observa nenhuma atitude irrefletida. Além disso, Alberto procura sempre e até desesperadamente a consciência, a sua consciência a que poderíamos chamar de consciência existencial.

A figura do alpendre reforça todas essas idéias na medida em que representa um lugar de descanso e proteção.

Outro dado bastante interessante no trecho anteriormente transcrito é que esses dois *tópos* recebem dois qualificativos semelhantes: a idéia de amplitude. O jardim é **vasto** enquanto que o alpendre é **grade**. Esses dois adjetivos, vasto/grande, introduzem no texto a coordenada espacial da amplitude (cf. BORGES FILHO, 2007, p. 104). Temos nesse trecho, portanto, a instauração da oposição axial vasto/restrito. E essa vastidão, cujo ponto de partida é a casa, o ponto restrito, aumenta significativamente com as figuras do pinhal, da ribeira e da montanha. Cada uma delas está também associada à idéia do jardim, reforçando os mesmos temas e acrescentando outros. Nesse sentido, a montanha é singular, visto que a ela se liga o eixo vertical, a idéia de altura e, por extensão, a idéia de transcendência, pois a montanha representa “... a morada dos deuses e objetivo da ascensão humana.” (CHEVALIER, 1999, p. 616)

Em toda essa descrição de sua casa, efetuada por Alberto, observamos um ponto de vista, uma ordem, um “olhar descritor” como diz Philippe Hamon. E esse olhar descritor, no caso que estamos analisando, é o do próprio narrador o qual instaura a espacialidade no texto. A essa maneira de construção do espaço, chamamos de *espacialização franca*. Observamos que esse olhar vai do restrito para o vasto e do horizontal para o vertical. As figuras da casa, do jardim, do pinhal e da ribeira representariam o eixo horizontal. A montanha, o eixo vertical. Essa visão geral forma um verdadeiro toporama que nos remete ao espaço idílico, ao *locus amoenus* tal como descrito por Curtius (1995) em sua famosa obra.

Finalizando nossos comentários a respeito dessa casa de Alberto, achamos de suma relevância refletirmos a respeito dessa passagem de Bachelard (1990, p. 93):

Jung, empenhado em fixar uma dessas al-mas apátridas que estão sempre em exílio na terra, aconselhava-a, para fins psicanalíticos, a adquirir um terreno no campo, um can-to no bosque, ou, melhor

ainda, uma pequena casa no fundo de um jardim, tudo isso para fornecer imagens à vontade de se enraizar, de permanecer. Esse conselho visa a explorar uma camada profunda do inconsciente, precisamente o arquétipo da casa onírica.

É impressionante essa passagem pela sua coerência com o protagonista da narrativa de *Aparição*. De fato, parece-nos que o adjetivo “apátrida”, apesar de seu pedantismo, é bastante apropriado para Alberto, personagem que vive a se procurar, sendo vítima de equívocos e mal entendidos que obstruem seus planos. Assim, são muito pertinentes essas idéias de enraizamento e permanência de que nos fala o trecho antes transcrito.

Vejamos agora um outro trecho do romance que no encaminhará para uma análise mais interior da casa.

Regresso a férias pela primeira vez, depois que o meu pai morreu. Natal. Possivelmente, não haverá ceia este ano. Minha mãe vive só no vasto casarão, Evaristo, provavelmente, consoará com os sogros, na Covilhã. (...) A minha memória está cheia. Da janela do comboio olho a montanha ao longe, branca de espaço, olho as matas de pinheiros, o chão trágico de pedras. Tento reconhecer aí o que é vivo e lembra, o que dura e aparece nos instantes do alarme. Fecho os olhos, raivosos, e busco a verdade inicial, a que se sabe a minha presença no mundo, o que eu sou, a música irredutível que às vezes me visita. Ah, o Natal não é de nunca, porque nunca foi do presente. A alegria que procuro é de um outrora absoluto, desde antes da infância, do eco que me transcende do passado ao futuro, me vibra com o som de uma harmonia que não sei. (p.117)

Com a morte do pai, parece que o pólo baixo perde a força e permanece apenas a reflexão existencial. No trecho citado, essa reflexão vem bem explícita e ligada ao toporama, o mesmo antes descrito. Alberto reflete sobre a realidade da vida que, para ele, vai além do imediato concreto, pautando-se muito mais pelas passagens significativas que marcaram o seu ser e que hoje o acompanham. É de interesse notar que essa reflexão é feita quando o protagonista se encontra em um comboio. Portanto, em um espaço interior e fechado,

porém, em movimento. Desse espaço instaura-se o exterior. E aí temos a janela como uma moldura para o quadro que aparece aos olhos do narrador homo e intradiagético e que ele irá descrever. Mais uma vez, então, temos uma espacialização franca, isto é, a instauração do espaço pela descrição do narrador. Ele descreverá as figuras da montanha e dos pinheiros. Observamos novamente a presença do traço espacial da amplitude. Tanto a montanha quanto os pinheiros são mostrados de forma a representarem uma superfície imensa, vasta, a amplidão enfim. É nesse espaço que o narrador pretende reconhecer “... o que é vivo e lembra. O que dura e aparece nos instantes do alarme.”

Mas a casa, para o final da fábula, vai tornando-se um espaço marcado pela solidão. Tal é o que se percebe primeiro por uma das visitas raras de Alberto a sua casa.

Chegamos enfim a casa, o tinir alegre dos guizos enche todo o pátio. Mas não vejo ninguém. Há um silêncio quase tão audível como o de quando o comboio pára nos apeadeiros pelo meio da noite. Entro em casa e é o mesmo silêncio pelos salões abandonados. Finalmente aparece uma criada. Perguntei por minha mãe, ela levou-me ao seu quarto. Sentada na cama, um xaile pelos ombros, minha mãe abraça-me numa aparente indiferença. Mas que tinha? Porque não me avisara? Dissera sempre que estava bem de saúde!

- Estou bem - confirmou. - Senti-me hoje cansada, apetece-me ficar na cama.

- É preciso avisar o Tomás!

- Estou bem. Levanto-me daqui a pouco. Amanhã parece que vamos consoar com ele. Falou-se nisso, pelo menos. O Evaristo não vem. (p.119)

Através das figuras: *ninguém, silêncio, salões abandonados* evidencia-se o ambiente de solidão que povoia o espaço da casa paterna. Releve-se o efeito de sentido causado pelo narrador ao opor dois gradientes sensoriais⁴, aparentemente opostos, mas que no fim reforçam a idéia

⁴ Por gradientes sensoriais, entendemos os sentidos humanos: visão, audição, olfato,

de solidude. Quando o protagonista chega, ele ouve o “tinir alegre dos guizos que enche todo o espaço”, no entanto “não vê ninguém”. Assim, enquanto a audição preenche o cenário, a visão mostra-o vazio. Temos assim uma dialética entre cheio e vazio, representada pelos sentidos da audição e visão respectivamente. O pátio está cheio de som, mas vazio de pessoas. Essa dialética, como apontamos, enfatiza sobremaneira a idéia de isolamento que, de resto, no sentido existencialista, sempre foi o *leitmotiv* do protagonista.

A casa paterna é também o espaço final em que se encontra Alberto. Na partilha da herança dos pais, coube-lhe a velha casa. Assim reafirma-se a estrutura circular do romance e também lembra o Novo Testamento com a parábola da volta do filho pródigo, significando no contexto do romance, não a concordância de Alberto com as idéias do pai, mas sim a diminuição da inquietação de Alberto ao final de sua vida. Tal diminuição é evidenciada no final da narrativa quando a esposa toma as mãos de Alberto ‘e as molda, à luz da lua, na flor breve e miraculosa de uma profunda comunhão...’ Há já, nesse final, uma certa conformação com os fatos da vida, há uma certa paz. Note-se ainda, nesse final, a estrutura circular a que referimos. Com efeito há uma coincidência nessa narrativa construída em analepse, segundo a terminologia de Genette. Trata-se do espaço que ocupa o narrador. Tanto no início quanto no fim, o protagonista se situa numa mesma sala vazia. “Sento-me aqui nesta sala vazia e relembro.” Dessa forma há o espaço da narração e o espaço da narrativa, e eles não coincidem. O espaço da narração é a sala vazia em que Alberto se senta. O espaço da narrativa será os espaços por ele habitado na estória que conta. No entanto, essa não é a única casa, moradia, presente na jornada de Alberto durante a narrativa.

tato, paladar. O ser humano se relaciona com o espaço circundante através de seus sentidos. Cada um deles estabelece uma relação de distância/proximidade com o espaço. Portanto, efeitos de sentido importantes são manifestados nessa relação sentido-espaço. (BORGES FILHO, 2007, 109)

Outra habitação significativa também aparece se bem que brevemente. Referimo-nos à pensão em que Alberto vai morar algum tempo assim que chega a Évora. Podemos, dividir as moradias de Alberto em dois blocos diferentes. Em primeiro lugar, temos a moradia de sua vila que é a casa paterna. Em segundo lugar, há as moradias em Évora que são duas pensões e a casa localizada na região chamada de Alto de S. Bento. Portanto, observamos que toda a narrativa se divide, em primeiro lugar, em dois grandes espaços que são a vila de origem da personagem e a cidade de Évora. E cada um desses espaços é povoado por inúmeros subespaços dos quais as moradas de Alberto é o tema deste trabalho. Dessa maneira, como a narrativa é povoada de espaços, pode-se dizer que estamos diante de uma narrativa politópica.

Aprovado em concurso para o magistério, Alberto sai de sua vila e vai para Évora e, evidentemente, a primeira decisão que toma é arranjar um lugar em que pudesse se hospedar. E ele vai até a uma pensão que descreve da seguinte maneira:

Sobe-se por uma escada íngreme e estreita, selada de frios muros como os de uma prisão. No primeiro andar há uma tabuleta de um médico dentista. No segundo andar, um velho abre uma porta com o cabaz das compras. A pensão é no terceiro. (p.14)

Notamos mais uma vez que, tal como sua casa natal, a pensão potencializa a dialética alto versus baixo. A pensão fica no terceiro andar e o acesso até ela é feito por uma ‘escada íngreme e estreita’. Esse aspecto talvez simbolize a dificuldade de acesso aos pensamentos de Alberto. Com efeito, ninguém em Évora compreendeu suas idéias e, por isso mesmo, o trataram com aversão. Sua estada nessa pensão também é marcada por desentendimentos constantes com o proprietário. Daí a interessante comparação da pensão com uma prisão, lugar onde os conflitos são constantes. Além desse traço negativo, observem-se também as seguintes figuras: “íngreme, estreita e frios muros”. Todas essas figuras mostram como será a relação de Alberto com esse cenário. Em outros termos, essa relação afetiva de

Alberto com o cenário, isto é, essa topopatia é caracterizada por uma topofobia. Em forma de prolepse, já se percebe que Alberto passará por maus momentos na pensão, inclusive terá de conviver por algum tempo com a falsidade do dono da pensão. Após essa primeira morada, Alberto vai residir em uma outra pensão, a Eborense:

Instalei-me, pois, na Eborense, para onde levei as minhas coisas. Mas nesse mesmo dia tentei saber quem era o dono da casa do Alto. E, para a execução completa do meu projeto, pensei numa escola de condução que me desse carta em breve para comprar um carro. Era um projeto que eu trazia de férias, desde o sorteio dos bens. Alto de S. Bento, o vento da planície e os meus olhos perdidos na lonjura... Agora, porém, arrumado o problema da pensão, queria era ver Sofia. (p. 144)

Ao contrário da pensão anterior, esta tem nome: Eborense. Como se percebe no trecho, a passagem por essa segunda pensão não possui qualquer traço importante. Foi somente um espaço de transição entre a primeira pensão e a casa do Alto de S. Bento. Esta sim, muito importante para o desenrolar da narrativa. Passemos então à sua análise.

-Para o Alto de São Bento. Alugo lá uma casa. Se cá ficasse, comprava um moinho.

Toda a gente se interessou pelo meu projeto. Sofia pergunta-me logo, a meio do seu diálogo com o Bexiguinha:

- Quando muda?

- Logo que tenha carta de condução. Sim, tenho de comprar um carro.

- No Alto de São Bento? - estranhou Ana. - Que idéia!

Porque, Ana? Estou longe, estou só. Largar-te-ei à tua liberdade, eu o 'demônio' que te irrita, largarei Sofia, a minha vida é criminosa, vós mo fazeis acreditar. E, no entanto, não há verdade alguma fora dela. Chico pareceu ouvir-me:

- Mas é um sítio ideal para ele - disse a Ana. - Está isolado, pode meditar em sossego sobre 'o espantoso milagre de estar vivo e o incrível absurdo da morte'.

Mas tu não riste, Ana. E perguntaste-lhe a ele o que tinha ele a dar aos homens. Chico foi claro como um murro:

- Pão e orgulho.

- Orgulho de quê?

- Deles mesmos. Para não consentirem que lhes ponham a pata em cima. (p. 150)

Parece-nos que o trecho transcrito nos mostra já a principal temática ligada à casa do Alto de São Bento. Chico o revela sem rodeios e confirma a coerência entre o cenário a ser habitado pela personagem e suas idéias. Como as preocupações de Alberto estão relacionadas com a transcendência do ser, nada mais coerente que ele ter uma casa localizada no 'alto', onde poderia meditar sobre suas idéias em tranqüilidade. Aliás, como se percebe pelas outras moradias de Alberto, a presença do traço semântico 'alto' é constante. Em sua casa natal, ele dormia no primeiro andar, nas duas pensões em Évora, seu quarto se situa sempre nos andares superiores e, na casa do Alto de São Bento, como o próprio nome do bairro indica, ele também está no 'alto'. A predominância desse traço semântico, obviamente, não é casual, é uma homologia intencional entre as características da personagem e a espacialidade que ela habita. Trata-se, portanto, de uma isotropia espacial, como diz Bertrand (1985, p. 126-127):

C'est dire que l'espace présentera les mêmes propriétés dans toutes les orientations et dans tous les usages pour lesquels le discours le mettra à contribution.

Outro traço axial de espaço importante na caracterização da morada do Alto do S. Bento é o eixo da prospectividade que se divide nos traços semânticos perto/longe. Observa-se, pela análise do texto, que o lugar escolhido para residir é afastado de Évora. Metaforicamente, temos aí representada a mesma distância em que vivia Alberto em relação aos eborenses no nível das idéias, pois, pela narrativa, observamos que nenhum dos habitantes partilhou de suas

preocupações ou pelo menos o compreendeu. Nem Ana, nem Sofia, nem Carolino, nenhuma personagem.

Ainda no trecho transcrito, percebe-se o confronto mais uma vez entre as idéias de Chico e de Alberto, que exemplifica o embate entre existencialismo versus comunismo. Há ainda várias outras idéias que se opõem às de Alberto. Trata-se, portanto, de um romance polifônico, para seguirmos a terminologia proposta por Bakhtin.

Vejamos um outro trecho do romance que é uma síntese do que dissemos:

Eis que me instalo enfim na minha casa do Alto. Tomado o desvio para S. Bento, sobe-se depois aos moinhos: a casa fica ao lado direito. Uma vizinha trata-me dos arrumos, tomo na cidade quase sempre as refeições, mesmo as ligeiras, que, todavia, por vezes eu próprio preparo. No pátio em frente há um toldo de glicínias que começam a florir, e, debaixo, bancos de madeira apodrecendo. Sob os beirais da casa há sempre um frêmito de asas: as primeiras andorinhas. Ao lado, para lá de um caminho rústico, um alto pano de velho muro abre-se em ruínas, mostrando no interior as pedras brancas de sombra. Atrás há um quintal semeado que não arrendei e onde crescem favas novas, uma mesa de pedra e bancos junto à casa para os grandes calores de Verão. Para longe, ondulam linhas brandas de colinas, salpicadas de casas brancas, donde sobem vozes anônimas de gente, cânticos de galos que vibram no ar com um sinal antigo de terras solitárias. Fixo três grandes pinheiros de vasta copa redonda, não longe dali, a cuja sombra eu me iria estender nas tardes de grande sol. Mas o que eu sobretudo gostava de olhar era a cidade. E eu a revejo agora do meio da minha noite, plácida e branca, cercada de infinitude. Instala-se na colina, cisma para a lonjura, onde me abismo também, veste de branco a acumulação dos séculos como de um luar de morte. O espaço esvazia-se até ao limiar da memória, onde alastra o meu cansaço, o afago quente de um choro, o aceno de sinais que se correspondem como ecos de um labirinto. Num oblíquo aviso afloro o que estremece sob os gestos enfim apaziguados. Évora, Évora. Para o meio da planície, uma inesperada toalha de água de represa lembra ao longe os poços do deserto. Uma ou outra casa branca, perdida na planura, descansa-me os olhos da vertigem da distância. Quedo-me longo tempo ao

meu mirante, evoco, no vasto céu, o eco de um coral alenteja: essa voz para o deserto donde nunca se responde... Fecho a jan enfim, regresso à minha presença. Que busco na minha solidã (p. 175-176)

No âmbito da toponímia, um item interessante é a toponímia. Como estudado em outro trabalho (BORGES FILHO, 2007, p.11) a toponímia não se restringe à observação exclusiva de nomes próprios, mas também à preocupação com os nomes comuns. Tanto uns quanto outros podem ser utilizados pela narrativa na caracterização do espaço. A esse recurso de caracterização pelo nome chamamos, naquele trabalho, seguindo a terminologia de Tomachevski, de máscara. Nesse sentido, cumpre perguntarmos se o fato de o protagonista ir morar em um local denominado Morro de São Bento não seria um caso de máscara espacial. Acreditamos que sim. Explicitemos melhor esse ponto. Os religiosos da ordem de São Bento são chamados beneditinos. Segundo a Enciclopédia Larousse Cultural, há duas acepções que nos interessam a esta toponímia. Diz a enciclopédia que beneditino significa: “1. sábio muito laborioso; 2. Fig. Trabalho de beneditino, trabalho longo e penoso que exige muita paciência por referência aos longos trabalhos de erudição dos beneditinos.”

Como se vê, o tema da erudição, do saber está diretamente relacionado com a Ordem de São Bento. Ora, é fácil verificarmos que esse tema está totalmente coerente com a personagem Alberto. Ou seja, a toponímia reforça aqui as características da personagem estabelecendo uma homologia entre personagem e espaço mais uma vez.

Finalizando nossos comentários ao trecho antes transcrito, cumpre notar que ele corrobora o que expomos e salienta bem o traço espacial da distância, quando o narrador se refere à casa do Alto como *mirante*.

3. A CASA DE ALFREDO: UMA ANTÍTESE ESPACIAL

L'espace, c'est le sujet. (BERTRAND, 1985, p. 111)

Uma outra casa igualmente importante do ponto de vista da construção narrativa no romance *Aparição* é a casa de Alfredo. Igualmente ao caso de Alberto, percebemos facilmente que a casa dessa personagem é bem adequada à sua forma de ser, especialmente a casa da quinta. Vejamos um trecho em que o narrador descreve essa casa:

A quinta da Sobreira fica na estrada do Espinheiro. Mas vira-se à direita, a certa altura, por um caminho estreito, bordado de valados e piteiras — e perdi-me. Descobri enfim a casa, aonde já viera com Alfredo numa tarde vazia de Dezembro, porque Alfredo gostava de levar os amigos às herdades, mostrar a sua familiaridade com os camponeses, como quem admite que a generosidade é uma forma evidente de poderio. Lembro-me de lhe gabar a casa para seu gosto. Ele massacrou-me logo com a explicação miúda dos confortos da vivenda. Filho único, herdara uma interessante fortuna. Mas Ana, infelizmente, não podia dar-lhe filhos: desarranjo no ventre ao primeiro parto falhado, uma operação eliminatória. Evoco a quinta ao sol cálido de Inverno. A casa tem um alpendre à largura da fachada, no estilo colonial, para o lado de nascente. Uma sala térrea de mosaico abre-se em frescura, lembra já lá fora a violência do Verão. Filas de plantas bordam as alamedas, um aroma de mimosas desvanece-se no ar com uma lembrança de estradas longínquas. Uma piscina vazia escava-se no terreiro, com um ar de ruína nas folhas secas, depositadas no fundo. A um topo estende-se um pano de cimento colorido: um vago frêmito de linhas de água, a rosa e cinzento, âncoras-algas boiando, afogando-se no ondedado límpido. Alfredo explicara-me que era um muro do Cardoso, seu amigo de Lisboa. Cheguei quase à hora do almoço, todos mostraram interesse pela minha demora. (p. 168)

Como observamos a casa acima descrita se enquadra bem no modo de ser de Alfredo. Até o momento em que o narrador se situa

para lembrar a quinta de Alfredo é propício: 'sol cálido de inverno'. Durante a narrativa, fica evidente que Alfredo é uma personagem que não se preocupa com os questionamentos existenciais de Alberto e nem com os pensamentos comunistas de Chico. Alfredo parece se preocupar apenas com seu bem estar, ele é, para nos utilizarmos de um vocábulo de cunho marxista, um alienado, preocupado com os fatores mais imediatos da vida. Dessa forma é natural que a herdade apareça sob o signo do calor. Com efeito, é fácil qualificarmos a casa de Alfredo como uma casa solar. O sol e seus efeitos são as principais figuras utilizadas pelo narrador para caracterizar a casa de Alfredo. Note-se que a casa se situa virada para o nascente e que a sala térrea lembra o verão. Além disso, para reforçar ainda mais esse traço semântico, recorde-se que o próprio momento em que o narrador se situa é sob 'um sol cálido de Inverno'. Essa isotopia do traço solar homologa a personagem Alfredo que não se preocupa com os questionamentos existenciais nem comunistas. Alfredo se preocupa com o seu presente, com o seu conforto e o de seus familiares. Ele é, enfim, um homem prático. Essa idéia de conforto se coaduna com a figura do calor expressa pelas metáforas solares que envolvem a casa de Alfredo.

Esse motivo solar é também salientado por outras figuras que aparecem no trecho. O primeiro deles é o fato de a casa possuir um alpendre 'à largura da fachada', ou seja, é uma casa convidativa, amigável, festeira assim como o seu dono. Outro dado espacial que reforça esse último é o fato de a casa possuir alamedas em que há plantas e mimosas, mesmo o muro que cerca a quinta é predominantemente verde. Dessa maneira, percebe-se que a casa retoma o *locus amoenus* o qual, por sua vez, reitera a personalidade tranqüila de Alfredo.

Se formos traçar um paralelo entre as casas de Alberto e Alfredo no que tange à temática a elas ligada, podemos facilmente verificar que as duas moradas formam uma antítese. Tomando emprestada a terminologia de Durand (1997), poderíamos dizer que

a casa de Alberto está sob um regime noturno, enquanto que a casa de Alfredo se encontra sob um regime diurno.

Como se vê, mesmo que o existencialismo seja uma filosofia eminentemente preocupada com a questão do tempo, é impossível numa obra de ficção, fugir da questão do espaço. Aliás, como diz, Cassirer (2001, p. 73)

O espaço e o tempo são a estrutura em que toda a realidade está contida. Não podemos conceber qualquer coisa real exceto sob as condições do espaço e do tempo. Nada no mundo, segundo Heráclito, pode exceder suas medidas – e estas são limitações espaciais e temporais.

Dessa maneira, torna-se impossível fugir da categoria narrativa do espaço em uma obra literária. Ela pode aparecer com menos ou mais detalhes, mas sempre estará presente. Esta categoria da narrativa se mostra tão importante como qualquer outra na construção do texto literário. É essa consciência que fez surgir nos últimos quinze anos vários trabalhos tematizando o espaço na literatura. Neste trabalho, analisamos apenas a questão da casa. No entanto, no romance em questão, existem muitos outros itens espaciais que merecem uma análise mais atenta a fim de explorar um número muito maior de efeitos de sentido que a narrativa propõe ao leitor atento. Pela dimensão de nossa análise, nosso objetivo aqui foi analisar apenas o espaço da casa.

Finalizando, pode-se afirmar que, no romance *Aparição*, a casa assume um caráter muito importante na construção e determinação da personalidade das personagens bem como no desenrolar da narrativa. Ela se apresenta sempre em consonância com o caráter da personagem. O espaço da casa reflete e influencia sobremaneira a atuação das personagens, reforçando seus traços psicológicos e propiciando a ação das mesmas.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: M. Fontes, 1989.
- BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso*. São Paulo: M. Fontes, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: UNESP, 1999.
- BERTRAND, Denis. *L'espace et le sens. Germinal d'Emile Zola*. Paris: Hatier Benjamins, 1985.
- BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. Franco-Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem – introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: M. Fontes, 2001.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Petrópolis: J. Olympio Editora, 1999.
- CURTIUS, E. R. *Literatura européia e Idade Média latina*. São Paulo: EDUS, 1995.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: M. Fontes, 1997.
- FERNANDES DA SILVEIRA, Jorge. (org.) *Escrever a casa portuguesa*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- MENDONÇA, Aniceta de. *O romance de Vergílio Ferreira – existencialismo e ficção*. São Paulo: HUCITEC, 1978.